

CORPOS RESILIENTES



Apresentador: Giuliano ferrony Bressan

Orientadora: Adriane Hernandez

Introdução: Com essa pesquisa comecei a refletir sobre o meu processo de produção de imagens e busquei a percepção das questões que habitam o meu imaginário. Nos trabalhos realizados em disciplinas práticas dos primeiros semestres da graduação em Artes Visuais já trazia algumas proposições que foram se afirmando e passaram a repercutir a minha singularidade na produção artística. Uma questão recorrente que abordo é a angústia e a resiliência de corpos despadronizados nas multidiversas paisagens do meu imaginário. Esses corpos estranhos são personagens que ainda num estágio inicial não possuem vínculos de pertencimento à sociedade opressora em que habitam. São corpos que não se enquadram de uma maneira fácil no mundo, corpos que se sentem excluídos e rejeitados. A rejeição é algo bem presente no sentimento das minhas personagens. Através das imagens, busco enfatizar a imensa carga emocional e as fragilidades que estes corpos estranhos apresentam, com a sensação de quem cumpre um dever, de quem assume um comprometimento em expor os sentimentos para o observador.

Metodologia: utilizo com referência a metodologia em poética visual, que trata do processo de criação do artista e suas particularidades com relação ao aporte teórico utilizo os conceitos de gênero e de sexualidade dentro da acepção foucaultiana, como categorias que surgem a partir de uma construção discursiva. Na mesma linha de pensamento pós-estruturalista de Foucault, a filósofa Judith Butler, a partir do final dos anos 80 incrementa o estudo acerca das definições de gênero que culminaria com o desenvolvimento de uma nova compreensão das identidades queer, tema que está na raiz de minha poética, em que se misturam elementos e referenciais estéticos do universo desnormativo com arquétipos desconstruídos da botânica tradicional. Para além das motivações conceituais, múltiplas são as imagens poéticas que são impulsionadas por influências diretas e indiretas na representação do meu trabalho como as produções artísticas de Jean-Michel Basquiat, Andy Warhol, Leonilson, Leda Catunda, Laerte, Matt Groening, Madonna, Lady Gaga, Maria Bethânia, Elza soares, Patrick Church, Matheusa Passareli, Rupaul, Divine, Lana Del Rey, Keith Hering, a poesia delirante de Rimbaud e os diversos artistas e poetas simbolistas do final do século XIX, que, cada qual a sua maneira, contribuíram na desconstrução da forma clássica do belo canônico exaltado na academia. Meu processo criativo se inicia a partir do momento em que resgato materiais da rua como chapas de madeira e objetos com superfícies planas. Como material de pintura a tinta guache e a tinta acrílica (de bastão e confeccionada a partir de base acrílica e mistura de pigmentos) estão sempre presentes por serem materiais mais acessíveis e de secagem rápida

Considerações Finais: A concepção conceitual e estética do meu trabalho se dá de forma natural no meu simples andar pela rua observando os acontecimentos do dia a dia das pessoas e dos grupos que se vêm hostilizado, acudados e cheios de incertezas. Esse processo coloca-me como um artista que interroga permanentemente a realidade que o envolve sem nunca abrir mão da postura de resistência na luta por um mundo mais inclusivo.



Giu Bressan

País que mais nos mata no mundo, 2019. Guache e acrílica sobre eucatex e moldura. Dimensões: 55 x 68 cm.